



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à CNN

Copenhague-Dinamarca, 03 de outubro de 2009

Jornalista: O que sentiu quando ouviu do presidente do Comitê Olímpico, Jacques Rogge, dizer o nome do Brasil? Não é muito de costume ver presidentes e primeiros-ministros chorando, numa altura assim. O que sentiu?

Presidente: Olhe, no fundo, no fundo, eu tinha a impressão que o Brasil ia ganhar, por conta da apresentação brasileira. Comparando a apresentação brasileira com a apresentação das outras, era quase inexorável que o Brasil ganhasse. Mas como tem essa história de que os Estados Unidos são muito poderosos, o Japão é muito poderoso e a Espanha tem muita tradição, você sempre fica com medo: o que vai acontecer?

Na hora que aquela moça passou com aquela bandeja e com aquele envelope lá dentro, o coração chegou a ficar aqui, na garganta. Na hora que leu “Rio de Janeiro”, uma coisa quase explodiu. Na verdade, era a conquista de um país que sempre foi tratado como se fosse um país menor, mesmo alguns governantes brasileiros nunca respeitaram o Brasil como deveria ser respeitado. Na verdade, cada um de nós é do tamanho que a gente quer ser. Ou seja, um dirigente político tem que sonhar grande, tem que pensar grande, porque senão ele não governa, se ele ficar só na miudeza, ele não consegue governar.

Eu tinha na cabeça que o Brasil poderia fazer uma Olimpíada. E nesses dois anos nós trabalhamos muito, eu conversei com cada presidente da República, com cada primeiro-ministro. Só não conversei com o Obama, com o Zapatero e com o Primeiro-Ministro do Japão porque não queria ser deselegante. Mandeí carta para todos os delegados, mandei carta para todos



os presidentes, mandei carta para o Emir do Catar, mandei carta para o Rei da Arábia Saudita. O que você possa imaginar eu mandei, de carta.

Então, quando deu o nome do Rio de Janeiro, explodiu uma coisa que estava contida, de expectativa, de esperança. E, para mim foi uma alegria extraordinária, porque o povo brasileiro merece isso. Acho que o Brasil tem uma dimensão hoje, internacional, maior do que a gente tinha há dez ou 15 anos, porque eu acho que o Brasil aprendeu a se respeitar. A gente só merece o respeito do outro se a gente se respeitar. O Brasil aprendeu a se respeitar e, portanto, o Brasil está ganhando respeito.

Foi um momento de glória, só comparado ao dia que eu recebi o diploma de presidente da República, em que eu também não me contive porque, depois de perder três eleições, você ganhar uma eleição aí, no dia da posse foi uma coisa, para mim, muito forte. Então, são as duas coisas que eu comparo: foi o meu diploma como presidente da República e as palavras “Rio de Janeiro” ontem, nas Olimpíadas.

Jornalista: Obviamente que o trabalho que fez durante esses últimos dois, três anos, de vender o Rio como cidade capaz de receber os Jogos é uma coisa. Mas tecnicamente e objetivamente, como convenceu o Comitê Olímpico que o Brasil, o Rio e a América do Sul estavam preparados, finalmente, para receber os Jogos pela primeira vez?

Presidente: Olha, nos últimos anos o Brasil tem tido um destaque de muita importância na imprensa internacional. Hoje, quem acompanha a economia, sabe que a economia brasileira está muito sólida. As pessoas sabem que o Brasil é um país que tem um potencial extraordinário. O Brasil foi o país que recebeu a crise econômica por último, terminou primeiro, e o mundo inteiro sabe disso. As matérias favoráveis ao Brasil no mundo inteiro, nos últimos meses, têm sido muito importantes. Então, as pessoas começaram a perceber



que o Brasil não é mais aquele paisinho de Terceiro Mundo, as pessoas começaram a perceber que o Brasil está no cenário político internacional, ou seja, faz sete anos que eu participo do G-8, participo do G-14, do G-13, do G-5, do G-2, do G-20. Então, o Brasil virou um personagem importante na geografia política do mundo. E também porque as pessoas sabem: o Brasil acabou de descobrir muito petróleo agora, que vai ser começado a explorar em 2006 [2016]. O Banco Mundial afirma que se o Brasil continuar crescendo do jeito que está crescendo, em 2016 seremos a quinta economia do mundo. Somos o maior país da América do Sul, somos o maior país da América Latina, temos mais população, temos mais indústrias. Por que não o Brasil? Por que não o Brasil?

Então, eu sinto que as pessoas passaram a conhecer o Brasil, de verdade. A minha relação pessoal com os presidentes, com os primeiros-ministros, eu acho que tudo isso contribuiu e, mais ainda, a apresentação brasileira. A apresentação consagrou o que é o Brasil hoje e eu acho que isso fez o Rio de Janeiro ter a maior vitória que um país já teve nas Olimpíadas – 66 votos contra 32 é recorde dos recordes – e isso é gratificante por tudo o que está acontecendo no Brasil.

Jornalista: Obviamente que agora está festejando, é um momento importante, um momento histórico, mas há muito trabalho pela frente e há muito dinheiro que tem que ser investido também. Eu vi o número, que saltou à vista, são US\$ 14 bilhões de orçamento. Como é que o Brasil, como é que o Rio vai pagar por esses Jogos Olímpicos, por essas Olimpíadas?

Presidente: Olha, primeiro, eu não me assusto com US\$ 14 bilhões, com US\$ 20 bilhões, porque o Brasil é um país grande, o Brasil tem uma economia muito pujante, o Brasil pode fazer. Não é gastar esse dinheiro só com as Olimpíadas. Nós já estamos gastando, até 2013, o Brasil está fazendo um investimento de



US\$ 359 bilhões em investimentos de infraestrutura: petróleo, gás, energia, rodovia, ferrovia, portos, aeroportos. São US\$ 359 bilhões que já estão previstos, já estamos gastando uma boa parte deles nesses investimentos. Ora, nós vamos aumentar o que for necessário para preparar o Brasil, do ponto de vista da mobilidade urbana, para fazer as Olimpíadas e para fazer a Copa do Mundo. Esse é o desafio bom, esse é o desafio bom: você ter projeto e sair atrás de dinheiro para fazer aquele projeto. Duro é quando você tem dinheiro e não tem projeto, aí você começa a gastar dinheiro desnecessariamente.

Então, nós vamos fazer os investimentos que forem necessários porque eu acho que, ao povo brasileiro, vai sobrar o legado da Copa do Mundo, o legado das Olimpíadas, a divulgação do Brasil de forma extraordinária nesse período todo, e eu penso que nós não teremos nenhum problema. Acho que há interesse da iniciativa privada estrangeira, há interesse da iniciativa privada brasileira. Hoje o Brasil é um país de economia sólida, estável, estabilidade macroeconômica, inflação controlada, ou seja, o Brasil está no ponto para fazer as Olimpíadas, para fazer a Copa do Mundo e para crescer economicamente.

Hoje a economia brasileira está mais sólida do que a economia europeia, hoje a economia brasileira está crescendo mais do que a economia europeia, então nós não temos que ter medo de desafios. Eu acho que o desafio é uma boa provocação para que um dirigente político trabalhe. Eu, na verdade – eu digo sempre – eu nunca conquistei nada fácil na minha vida, nunca. E governar é exatamente isso: é você assumir compromisso, acreditar que é possível fazer e fazer.

Por isso, eu acho que nós vamos começar a pensar a partir de agora, já vamos começar a reunir os níveis de governo – prefeitos, estados e a União -, o Congresso Nacional, e vamos começar a montar o nosso plano de trabalho para que quando chegue em 2014 a gente faça uma boa Copa do Mundo – espero que Portugal esteja disputando a final conosco – e depois, chegar às Olimpíadas preparados para ganhar as medalhas a que nós temos direito.



Jornalista: Portugal está com problemas em se classificar para a África do Sul. Mas não vamos falar nisso, que é bastante triste. Mas, do ponto de vista financeiro, eu vou fazer em inglês também. Obviamente que em projetos esportivos, como uma Copa do Mundo e as Olimpíadas, é fascinante, mas do ponto de vista financeiro, o povo brasileiro não devia estar preocupado, que os impostos vão subir?

Presidente: Não, primeiro que nós não vamos subir impostos, ninguém disse que vão subir os impostos, não está na nossa contabilidade subir impostos. O Brasil tem orçamento para fazer, o Brasil tem condições de fazer e o Brasil não precisa aumentar nem 0,0% de imposto. O que nós temos é que, de forma responsável, começar a colocar no Orçamento da União aquilo que a gente vai utilizar a cada ano, aquilo que é a parte da prefeitura, aquilo que é a parte do estado, aquilo que é a parte da União, aquilo que nós vamos convencer a iniciativa privada a fazer. Portanto, eu estou muito tranquilo com as possibilidades financeiras para realizar os dois eventos.

Jornalista: O senhor Presidente ficou nervoso quando descobriu que o presidente Obama vinha a Copenhague e ficou surpreso que eles foram eliminados na primeira rodada, e teve a oportunidade de falar com (incompreensível). O que vocês discutiram?

Presidente: Olhe, primeiro, eu não fiquei assustado com a vinda do Obama, até porque eu convidei o Obama para vir. Eu estava no G-20 quando pedi para o Obama vir, porque vinha apenas a Michele. Eu falei: Obama, é importante você ir. Porque esse negócio é assim: se você vai e perde, você é culpado, mas se você perde porque você não foi, aí você é esganado. Ele veio, obviamente que a agenda dele deve ter permitido que ele chegasse aqui só de



manhã. A imprensa dizia: “O Obama chegou. Chicago vai ganhar, vai ganhar”. Bem, eu acho que a imprensa trabalhou contra o Obama. Ao dar essas manchetes de que o Obama ia ganhar, você passou a ideia de que os delegados do COI eram marionetes, que iam ceder ao poder econômico dos Estados Unidos, e não aconteceu isso. Quando eu vi a apresentação dos Estados Unidos, depois eu vi a apresentação do Japão, depois eu vi a nossa e depois eu vi a da Espanha, eu me convenci de que a gente ganhava. Porque, qual foi a impressão que passou? É que os outros estavam disputando e o Brasil queria ganhar. Você via a vontade do Brasil na alma de cada um que falava, você via os atletas brasileiros emocionados. Nós viemos para cá não para disputar, nós viemos para cá para ganhar, com a convicção de que a gente ia ganhar. Eu, em 24 horas, me reuni com mais de 30 delegados, pedi voto, porque é assim que a gente ganha.

Eu penso que o Zapatero, o Obama e o Primeiro-Ministro vieram cumprir um ritual, mas eles não estavam com a motivação que eu estava, eles não estavam precisando ganhar, como eu precisava. Para os Estados Unidos, para a Espanha e para o Japão seria mais uma Olimpíada. Para nós seria “a” Olimpíada.

Então, eu quero aproveitar e dar um grande abraço no presidente Obama, que é uma figura que eu adoro, gosto muito, acho que ele tem um futuro político excepcional; o Zapatero, que é meu amigo de muito antes das eleições; e o Primeiro-Ministro do Japão, que eu conheço pouco. Mas eu quero que os três fiquem tranquilos porque o Brasil merecia ganhar, e eles têm que se sentir coparticipantes dessa vitória brasileira.

Jornalista: Mas o presidente Obama culpou o presidente Lula por ter dito para ele vir?

Presidente: Não, veja. Por que eu pedi para ele vir? Obviamente que... É



porque nessas coisas, na política, eu tenho um pouco mais de experiência do que o Obama, porque eu já estou há sete anos na Presidência, tenho 63 anos de idade, ele está há apenas nove meses na Presidência. Essas coisas são assim: se você vai e ganha, era sua obrigação ir; se você não vai e você perde, você perdeu porque você não foi; se você vai e perde, pelo menos você tentou. Eu sei que a imprensa americana deve começar a fazer críticas ao Obama e eu acho que ele não merece ser criticado. As pessoas... Eu queria até dizer para os americanos, você pode ser o meu porta-voz para dizer para os americanos: o Brasil mereceu ganhar, o Brasil trabalhou mais, o Brasil se preparou mais, e tinha uma coisa forte. Ou seja, as Olimpíadas, não são uma atividade esportiva para serem feitas em país rico. A América do Sul merecia, como a África merece. Nós precisamos levar o esporte onde tem muita juventude, onde tem juventude pobre, para ela ficar motivada. Então, eu acho que todos os três que perderam devem estar agora, neste momento, muito felizes porque foi o Brasil que ganhou, porque no fundo, no fundo, no fundo, todos eles torciam um pouquinho para o Brasil.

Tanto é verdade, tanto é verdade, que a totalidade dos votos americanos e a totalidade dos votos japoneses vieram para o Brasil. Ou seja, no fundo, no fundo, eles estavam torcendo para a gente ganhar, porque eles sabiam o que significa para um país emergente, como o Brasil, realizar uma Olimpíada. Os Estados Unidos já fizeram quatro Olimpíadas, mais quatro de Inverno, ou seja, tem menos força do que o apelo de um país que estava brigando com unhas e dentes para conquistar.

Jornalista: Mais duas perguntas rápidas, rápidas, depois deixo o senhor Presidente ir à sua vida. Fala-se muito que o Brasil, o Rio, obviamente o continente sul-americano também, podem deixar uma marca continental do esporte, do movimento olímpico. O que pode ficar depois de as Olimpíadas irem embora? Qual vai ser o impacto?



Presidente: Olha, primeiro, nós temos sete anos para trabalhar corretamente a participação dos países da América do Sul nessas Olimpíadas, nós temos um processo de integração. Portanto, a juventude do Peru, da Venezuela, do Equador, da Colômbia, do Chile e da Argentina vão poder ir de carro ver os Jogos Olímpicos. Segundo, nós somos um continente que tem um percentual da sociedade muito jovem. O espírito olímpico, a motivação olímpica que nós vamos ter que trabalhar nas escolas onde está a juventude vai mexer com os brios e com a autoestima de milhões de jovens na América do Sul. Ora, o que nós queremos é que durante o processo de construção dos Jogos Olímpicos a gente gere os empregos que nós queremos gerar para dar emprego para os pais desses jovens. O que nós queremos é que quando terminar as Olimpíadas, haja uma esperança maior no povo, que ele possa saber que aquilo foi feito para ele, porque é quase construir uma nova cidade. Você conhece Barcelona? É quase construir uma nova cidade. Eu acho que a participação da juventude, as discussões que nós temos que fazer, a preparação dos nossos atletas, levar o debate para as escolas, vai ser uma coisa extraordinária que vai acontecer no Brasil. Eu estou realmente muito otimista.

Jornalista: Finalmente, falando da Copa do Mundo, como vão as preparações iniciais, como está o estado de espírito do Brasil? Faltam alguns anos, mas já sente o entusiasmo, a paixão?

Presidente: Olha, eu penso que o Brasil não pode deixar de ser campeão em 2014. Eu sei que é muito título, nós vamos ganhar agora, na África do Sul, mas não podemos repetir 1950 e perder dentro do Maracanã. Acho que o Brasil está com uma boa safra de jogadores, muitos deles vão perdurar até 2014, tem muita gente nova. Agora nós estamos na seguinte fase: os governadores



apresentaram os projetos, e os prefeitos, e agora nós estamos vendo qual é a parte de investimento do governo federal em mobilidade urbana, qual é a parte do prefeito e qual é a parte do governador. Eu penso que nós vamos chegar à Copa do Mundo preparados. São 12 estados, vai ter Copa do Mundo na Amazônia, vai ter Copa do Mundo no Pantanal. Portanto, está bem distribuído e eu acho que nós vamos fazer uma Copa do Mundo inesquecível. Só espero que o Brasil vá para a final e ganhe.

Jornalista: Muito obrigado, senhor Presidente.

Presidente: Obrigado a você.

(\$31DHJMQ)